

CLASSES SOCIAIS E ESTRATIFICAÇÃO EM “OLHAIS OS LÍRIOS DO CAMPO”

SOCIAL CLASSES AND STRATIFICATION IN "BEHOLD THE LILIES OF THE FIELD"

Arthur Arantes Souza¹

UFMG: <https://orcid.org/0000-0001-9305-0362>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n31ID17967](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n31ID17967)

Resumo

O presente artigo analisa o romance “Olhai os lírios do campo”, de Érico Veríssimo, a partir da teoria de classe de Karl Marx e da estratificação social de Max Weber. Discute, a partir das relações do protagonista Eugênio Fontes, como conceitos como ideologia, para Marx, e estamento, para Weber, operam no mundo do romance. Apesar das diferenças destas teorias, elas possibilitam acompanhar coisas como a resignação dos pais com a pobreza e o desconforto de Eugênio na interação com as rodas da elite.

Palavras-chave: Olhai os lírios do campo. Romance. Classes Sociais. Estratificação Social.

Abstract:

This article analyzes the novel "Olhai os lírios do campo" by Érico Veríssimo from the perspective of Karl Marx 's class theory and Max Weber' s social stratification. It discusses, from the relations of the protagonist, Eugênio Fontes, as concepts like ideology, for Marx, and stratification, for Weber, operate in the world of the novel.

¹ E-mail: arthurarantessouza@gmail.com

Despite the differences of these theories, they make it possible to follow things like the resignation of the parents with the poverty and the discomfort of Eugenio in the interaction with the wheels of the elite.

Keywords: Olhai os lírios do campo. Romance. Social Class. Social stratification.

Introdução

Este trabalho explora a literatura sob as lentes da sociologia a partir do romance “Olhai os lírios do campo”, de Érico Veríssimo, e as teorias da estratificação social de Max Weber e Karl Marx. Por narrar a jornada de um jovem da pobreza até um casamento vantajoso do ponto de vista financeiro, este livro tem diversas interações possíveis com os estudos destes dois autores.

O artigo se divide em três partes principais. A primeira é um breve resumo da narrativa do livro, destacando de maneira breve os principais pontos da história: a infância pobre do protagonista que gera uma repulsa à pobreza, o que o leva a um casamento infeliz, o descobrimento de uma filha e a morte de um amor que fazem rever seus posicionamentos com relação à vida, abrindo mal da sua ambição desmedida.

A segunda parte é a análise sociológica do romance. Busca-se, a partir de fragmentos do texto de Veríssimo, demonstrar como a estratificação social opera na narrativa e na personalidade e ações de Eugênio Fontes. Para tal, usa-se a teoria de classes de Karl Marx e da estratificação social para Max Weber. Por serem teorias bem diferentes, oferecem perspectivas bem variadas para o que é apresentado pela história. Dois elementos são centrais nesta análise: a divisão entre classe, do ponto de vista da riqueza econômica, e estamento, do ponto de vista do estilo de vida e prestígio social, para Weber, e a forma como a sociedade de classe produz condutas pautadas na visão da classe dominante, a partir do conceito de ideologia de Marx. Utilizando essas dimensões, discute-se o desconforto que Eugênio possui com todos a sua volta, desde os pais até sua esposa. Na terceira parte busca-se fazer uma relação entre elementos da trajetória social de Érico Veríssimo e a análise do romance feita nas seções anteriores.

“Olhai os Lírios Do Campo”

“Olhai os lírios do campo”, lançado em 1938, é o quinto romance de Érico Veríssimo e um marco de sua carreira por tê-lo projetado nacionalmente. A obra tem como foco a vida de um jovem médico chamado Eugênio Fontes, da sua infância até meados dos trinta anos.

O livro é dividido em duas partes. A primeira alterna pequenos fragmentos do presente do protagonista com um grande flashback de seu passado. A segunda começa no ponto de convergência entre os dois períodos, dando prosseguimento à narrativa.

Em um breve resumo, o livro conta história de Eugênio, um jovem médico que está em vias de perder uma grande amiga, amante e, descobriremos mais adiante, mãe de sua filha. “Olhai os lírios do campo” é uma espécie de balanço da vida do personagem, pois começa com sua infância pobre e difícil e sua luta pela ascensão social, primeiramente apoiado pelos pais em grande sacrifício, depois pela busca de um casamento vantajoso. A condição precária da sua juventude o faz criar uma grande rejeição pela pobreza e alimenta uma grande vontade de se notabilizar e fazer riqueza associado a um grande complexo de inferioridade.

Tudo muda quando descobre que possui uma filha de três anos com Olívia, sua colega de faculdade, amiga e amante, que partiu pouco antes dele casar-se com Eunice, filha de um rico industrial chamado Cintra. Após pouco tempo dessa descoberta, Olívia falece e Eugênio reavalia toda sua vida. Separa-se da mulher para se dedicar a Anamaria, sua criança, e ao exercício da medicina popular, tornando-se um humanista que critica os excessos da cobiça humana.

Os efeitos da estratificação social no romance

Apesar de tratar de temas variados, como cobiça, humanismo, as relações afetivas, o que mais chama atenção do romance de Érico Veríssimo é a vontade do personagem principal, Eugênio, em mudar sua condição de classe. Utilizando Max Weber e Karl Marx, será feito um estudo sobre a estrutura de classes contida no romance, principalmente a relação do protagonista com os demais personagens do livro. Os autores serão usados de maneira mais ou menos livre, de acordo com o que a narrativa apresenta. Em alguns momentos, um será privilegiado e em outros se observará a partir da perspectiva dos dois. Antes de abordar o texto, uma breve apresentação dos conceitos de Classe Social e a teoria da estratificação social para os

clássicos.

É sabido que, para Marx, o conceito de classe social ocupa uma posição de destaque, pois “a história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes” (MARX; ENGELS, 2001a, p. 23), e, apesar de nunca ter sistematizado a ideia, ela aparece por toda sua obra. Para o autor alemão, o conflito constante entre classes antagônicas, como senhor e o servo, mestre e o aprendiz, burguesia e o proletariado, é o que produz a força motriz da mudança histórica. Como se determinaria quem é quem neste sistema? Ora, observando sua posição na estrutura produtiva da sociedade. No capitalismo, as classes principais, mas não as únicas, são a burguesia, donos dos meios de produção, e o proletariado, donos da força de trabalho. Para Marx e Engels:

[...] por burguesia entendemos a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado. Por proletário, a classe dos operários assalariados modernos que, não possuindo meios próprios de produção, reduzem-se a vender a força de trabalho para poderem viver (MARX; ENGELS, 2001a, p.23).

Uma coisa que caracteriza uma classe são seus interesses, pois as classes são, sobretudo, sujeitos da luta política dotada de consciência, ou seja, de uma percepção do seu lugar nos embates de forças históricas:

as condições econômicas, inicialmente, transformaram a massa do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Esta massa, pois, é já, face ao capital, uma classe, mas ainda não o é para si mesma. Na luta, de que assinalamos algumas fases, esta massa se reúne, se constitui em classe para si mesma. Os interesses que defende se tornam interesses de classe. Mas a luta de classes é uma luta política (MARX, 1995, p.159).

Nem sempre, contudo, uma classe consegue identificar claramente seus interesses dentro das estruturas de uma sociedade. Isso acontece por causa de um fenômeno chamado ideologia. A ideologia é um sistema de ideias que distorce a realidade sensível experimentada pelas classes, fazendo com que algumas delas não consigam identificar seus interesses e entender a correlação de forças sociais das quais eles fazem parte. Como é uma esfera superestrutural, ou seja, faz parte do mundo social, a ideologia é derivada da infraestrutura, a esfera produtiva. A classe que domina a infraestrutura, a produção material, é também a classe que domina a

produção de ideologia. Isso significa que a perspectiva do mundo que é transmitida como única e universal na verdade é a perspectiva de mundo de uma classe, no caso a classe dominante. Nas palavras de Marx e Engels:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante (MARX; ENGELS, 2001a, p.48).

Max Weber possui uma percepção diferente do conceito de classe. Diferente de Marx, ele não vê as classes em termos absolutos, nem mesmo considera o fator econômico a principal forma de distinção dentro de uma sociedade. Ele identifica que o poder advém de fontes distintas: a ordem econômica, a ordem social e a ordem jurídica. A cada uma dessas ordens correspondem grupos e elementos específicos, sendo eles: classe, estamento e partido, respectivamente. Para este trabalho, nos interessam apenas os dois primeiros. Na concepção de Weber:

Classes não são comunidades; representam simplesmente bases possíveis, frequentes, de ação comunal. Podemos falar de uma “classe” quando: 1) certo número de pessoas tem em comum um componente causal específico em suas oportunidades de vida, e na medida em que 2) esse componente é representado exclusivamente pelos interesses econômicos da posse de bens e oportunidades de renda, e 3) é representado sob as condições de mercado de produtos ou mercado de trabalho (MARX, 1982, p.212).

Classes são, sobretudo, situações de classe, pois depende dessa capacidade de dispor bens que um indivíduo tem e não uma posição estanque criada pela estrutura social, como no caso de Marx, em que a classe é definida “a priori”.

Os estamentos dizem respeito a grupos de prestígio social. Envolve questões como o gosto e a honra, que são distintivos de status social e apreciação. Apesar de poder coincidir com a situação de classe, por vezes o estamento se opõe a ela. Grande parte da influência social desse fenômeno advém do “estilo de vida”. Pessoas que compartilham o mesmo grupo de status desenvolvem práticas sociais semelhantes, ou seja, valorizam as mesmas coisas, possuem formas parecidas de agir e apreciar a vida:

[...] no conteúdo, a hora estamental é expressa normalmente pelo fato de que acima de tudo um *estilo de vida* específico pode ser esperado de todos os que desejam pertencer ao círculo. Ligadas a essa expectativa existem restrições ao relacionamento “social” (isto é, ao relacionamento que não se prenda a objetivos econômicos ou outros objetivos “funcionais” da empresa). Essas restrições podem limitar os casamentos normais ao círculo de *status* e podem levar a um completo fechamento endogâmico (WEBER, 1982, 220).

Após essas considerações de cunho teórico, voltemos ao romance. Como dito, o livro é centrado na figura de Eugênio Fontes, um médico de origem social pobre, filho mais velho de Ângelo, um alfaiate, e D. Alzira, uma lavadeira. Teve uma infância difícil financeiramente, apesar do amor e dedicação dos pais, que não mediram esforços para proporcionarem um futuro melhor para o filho, se sacrificando para que ele estudasse nas melhores escolas possíveis. É na relação com os pais que podemos identificar alguns efeitos da classe social no mundo do romance.

Ao tomarmos Marx, Ângelo e D. Alzira não são proletários no sentido estrito, pois não são trabalhadores assalariados e empregados diretamente como força de trabalho industrial, sendo, antes de tudo, autônomos. Contudo, podemos considerá-los como parte de uma classe trabalhadora. Em *O Capital*, há uma pequena consideração sobre trabalhadores manuais não industriais:

A terceira categoria da superpopulação relativa, a estagnada, forma uma parte do exército ativo de trabalhadores, mas com ocupação totalmente irregular. Desse modo, ela proporciona ao capital um depósito inesgotável de força de trabalho disponível. Sua condição de vida cai abaixo do nível médio normal da classe trabalhadora, e é precisamente isso que a torna uma base ampla para certos ramos de exploração do capital. Suas características são o máximo de tempo de trabalho e o mínimo de salário. Já nos deparamos com sua configuração principal sob a rubrica do trabalho domiciliar (MARX, 1996, p.272).

A percepção de Eugênio sobre a docilidade do pai, ou seja, sua incapacidade de reagir ao mundo pode vir desta condição não tradicional na estrutura produtiva, já que o ambiente da fábrica é essencial para adquirir uma consciência de classe, ou seja, perceber seu lugar e os interesses relativos ao grupo a que pertence. Eugênio, por outro lado, desenvolve uma grande ambição desde criança, motivado, principalmente, pela vontade de romper com a situação vivida pelos pais. Vejamos o seguinte fragmento que serve de evidência para essa afirmação:

Um dia, passando pela frente da janela aberta da rouparia, Eugênio ouvira a voz autoritária da ecônoma dizer: “Lençóis, sessenta e cinco” e a voz apagada e macia do pai responder: “Confere”. Ficaria com essa palavra nos ouvidos por muitos dias. Através dela, toda a vida de servilismo do pai. Confere. Mesmo que o número de lençóis estivesse errado ele não teria coragem de protestar. Confere. Sempre concordava com tudo, resignava-se. Por causa desta resignação Eugênio tinha pena e ao mesmo tempo ódio do pai (VERÍSSIMO, 2005, p.42).

Outro indício da forma como os pais se portam perante o pauperismo em que vivem é a forma como a mãe vê o mundo. D. Alzira, como cristã, acreditava que o destino era inevitável, pois era vontade divina. A aceitação de sua condição precária pode ser explicada a partir do conceito de ideologia, já elucidado acima. A religião é ideologia, uma versão invertida do mundo, que produz uma falsa consciência no indivíduo:

[...] esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação (MARX, 2010, p.145).

Mais à frente, no mesmo livro, está uma das mais famosas de suas máximas, que explica a leniência dos pais de Genoca com relação ao mundo: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo” (MARX, 2010, p.145).

Nesse sentido, a aceitação da pobreza faz parte desse “ópio” dado pela religião, ou seja, produz na classe dominada a que pertencem os pais uma passividade.

A visão de mundo do filho, contudo, não dá um salto no sentido da busca pela emancipação. O que Eugênio deseja é a ascensão social, a melhoria das condições de vida pelo rompimento da barreira das classes, ou seja, ele não deseja o fim da dominação, mas fazer parte da classe dominante. Assim, está tão preso ao espírito produzido pela dominação quanto seus pais, pois suas aspirações são reproduções da ideologia de seu tempo (MARX; ENGELS, 2001).

Ao tomarmos Weber como referência para essas mesmas passagens, algumas diferenças interpretativas podem ser fundamentais. Ao tomarmos classe como um conjunto de possibilidades econômicas, certamente Ângelo e D. Elzira fazem parte de

uma situação menos privilegiada. Eles, por outro lado, fazem esforços a fim de que seu filho tenha acesso a oportunidades melhores do que as que eles tiveram (WEBER, 1982). Futuramente, ao se formar médico, a situação de classe dele é completamente diferente da dos pais, mesmo que não seja totalmente satisfatória a seu ver (VERÍSSIMO, 2005).

Contudo, a principal diferença entre Eugênio e os pais está no grupo de status ao qual pertencem. A educação que proporcionam ao filho fez com que ele desenvolvesse valores fundamentalmente diferentes. A negação da religiosidade, por exemplo, é uma diferença no estilo de vida. O magnetismo que Florismal, ironicamente chamado de Doutor, exercia sobre ele na infância também pode ser comprovante desse fato. Apesar de o homem ser também pobre, possuía certo conhecimento e lábia que deixava o protagonista interessado: “Florismal... Para Eugênio aquele nome tinha um secreto encanto” (VERÍSSIMO, 2005, p.31), e “com a boca levemente entreaberta, a respiração suspensa, Eugênio escutava. Como ele admirava o Dr. Florismal. Ali estava um homem que sabia tudo. Decerto tinha viajado e estudado muito” (VERÍSSIMO, 2005, p.33).

A admiração que possuía por essa figura se torna mais importante para a comprovação desse argumento ao levarmos em consideração o desprezo que possuía pelo pai.

Ao se tornar adulto, Eugênio se torna ciente de que sua condição social é inferior à dos mais abastados, mesmo quando consegue romper a barreira econômica através do casamento. Tomemos o seguinte trecho, ainda no início do livro:

Eugênio sente vontade de saltar para o banco da frente e confiar a sua angústia e os seus segredos ao chofer. No fundo ele sabe que pertence mais à classe de Honório que à de Eunice. Nunca o pôde tratar com a superioridade com que a mulher e o sogro lhe dão ordens, como se fosse feito duma matéria mais ordinária, como se tivesse nascido exclusivamente para obedecer (VERÍSSIMO, 2005, p.23.).

Podemos opor Marx e Weber a partir desse fragmento se levarmos em consideração o que pensa Eugênio sobre classes sociais. A percepção de sua condição de classe não se transforma pela ascensão social, é tão inata quanto a capacidade de ver, pois imagina que é herdada dos seus pais. Esse senso de inferioridade do personagem é recorrente sempre que o livro trata da esposa rica. Nesse sentido, a classe existe em termos mais fixos, pois como colocado por Marx, advém da sua

posição no sistema de produção (MARX; ENGELS, 2001a) e não de sua situação financeira e das oportunidades que têm devido ao casamento (WEBER, 1982). Não descartemos Weber, pois retornaremos a ele mais adiante.

Pode-se argumentar que ele rompe a barreira das classes e se torna um burguês no sentido dado por Marx, pois agora é membro da classe proprietária (MARX; ENGELS, 2001a). Mas temos indícios fortes de que, por ser proporcionada pelo casamento, é uma mudança precária, já que não é realmente o dono das posses, mas desfruta delas a partir de um intermediário, a esposa. A única ascensão real que ele experimenta é a passagem da classe trabalhadora para a dos profissionais liberais, se tornando classe média, mas mais próximas dos assalariados do que dos proprietários. Isso fica bem claro quando se separam e Eugênio faz questão de retomar a profissão e de não levar nenhuma vantagem econômica do casamento: “- Vou-me embora hoje mesmo. Depois combinarei os detalhes com teu pai... Levo só o que é meu, exclusivamente meu... Gostaria que tu pedisses o desquite, fica melhor que parta de ti” (VERÍSSIMO, 2005, p.172).

Retomando Weber, uma consideração sobre a mobilidade social do protagonista deve ser feita. Como dito, Eugênio tinha uma grande aversão à pobreza e estabeleceu para si uma meta: enriquecer e tornar-se notável, como podemos ver a seguir:

Eugênio ia com ar ausente, pensando. Sentia a verdade das palavras de Olívia. Amanhã estariam separados. Porque ele queria caminhar numa direção oposta à dela. Na direção do sucesso. Só via a sua carreira. Ansiava por ter conforto, dinheiro, um nome, pois só assim conseguiria matar aquela insuportável sensação de fracasso, de inferioridade. Não se conformava com a mediocridade. Não gostava da sombra (VERÍSSIMO, 2005, p.72).

Em um primeiro momento, a profissão de Eugênio seria o caminho para isso, mas acabou sendo muito custoso. Ele se tornou médico da assistência social e ganhava pouco, não tinha a certeza de que iria cumprir aquilo que estabeleceu para si. Quando conhece Eunice, uma nova possibilidade se abre: o casamento haveria de ser a porta para o sucesso. O problema maior é que amava Olívia e não a futura esposa, o que não o impediu de fazer um cálculo de recompensa, entre meios e fins, como justificaria para a amada quando contou sobre o casamento:

- Um amigo meu costumava dizer que a vida é como uma travessia transatlântica... Os passageiros são das mais variadas espécies. Uns passam a viagem a se preparar para o desembarque no porto de seu destino e desprezam as festas de bordo, o simples prazer de viajar. Outros não sabem do seu destino, não têm nenhuma esperança no porto de chegada e procuram passar da melhor maneira possível a travessia. Este é o meu caso. (...) Quero fazer uma viagem agradável. E de certo modo me recuso a viajar em terceira classe... Tu vês, estou tentando passar para a primeira. (...) Sei que meu procedimento pode não ser considerado decente, se olhado de um certo ângulo. (...) Mas chegamos então àquela velha história do fim justificando os meios... Em suma eu olho para a minha carreira (VERÍSSIMO, 2005, p.119).

Temos aqui um típico caso de ação werberiana, no caso, a ação racional com relação a fins. Uma ação social seria toda conduta humana tomada com relação a outra ação social, ou outras, dotada de um significado para aquele que realiza aquela ação. Uma ação social não pode ser uma mera reação aos estímulos, deve ter um mínimo de racionalidade envolvida. Weber afirma que existem quatro tipos ideais de ação social, abstrações idealizadas que servem como base de comparação para a realidade. Ele as agrupou de acordo com seu grau de racionalidade: ação racional com relação a fins, a mais racional de todas, ação racional com relação a valores, ação tradicional e ação afetiva, a menos racional de todas. A ação que nos interessa aqui é a racional com relação a fins. Esse tipo diz respeito a atitudes tomadas primordialmente a partir de um cálculo racional de metas e possibilidades de atingi-las de acordo com os meios disponíveis. A ação racional com relação a fins mais comum é a ação econômica (WEBER, 2002).

O cálculo entre meios e fins possíveis feitos por Genoca faz com que a escolha do casamento tenha sido motivada por razões racionais, muito pouco afetivas, aproximando muito sua ação da ação racional com relação a fins descrita por Weber, mesmo que não seja, como se é esperado, totalmente isenta de influências irracionais, como o medo que ele possuía de não conseguir dar o salto social desejado.

Apesar da nova posição de classe trazida pelo casamento, a relação com a elite não transcorre de maneira suave. As diferenças entre os círculos de convivência são nítidas e Eugênio tem dificuldade de se adaptar à vida da residência dos Cintra. São diversas as passagens que demonstram o estranhamento de Eugênio, e não são datadas apenas do casamento. Na universidade, onde fez amizade com Alcibiades, filho do secretário do interior, jovem rico e vaidoso, já demonstra a forma como ele se sentia com relação a grupos estamentais superiores: “como Alcibiades era fútil e vaidoso! -

pensava Eugênio. - Só sabia elogiar-se a si mesmo, contar vantagens (VERÍSSIMO, 2005, p.56)”. Ou ainda:

Uma parte de seu ser se sentia contente e lisonjeada com essa idéia [a de que andava em companhia de jovens ilustres e inteligentes]. Mas dentro do Eugênio feliz agitava-se um Eugênio minúsculo, irreverente, uma figurinha que ria e careteava, fazendo troça do Eugênio vaidoso, do Alcibíades fútil e do Castanho professoral (VERÍSSIMO, 2005, p.57-58).

Com Eunice esta relação se acentuava. Ela o considerava pouco digno, pois achava que o marido não se interessava por questões intelectuais e ele se afastava da esposa, pois achava que essa casca de intelectualidade era vazia, mas ao mesmo tempo se sentia chulo, vulgar por causa disso, um contraste interessante se considerarmos que desde criança ele se interessava por pessoas de conhecimento, como Dr. Florismar. Vejamos os fragmentos a seguir:

Eunice declarou:

- Vou à conferência de Castanho no Círculo de Cultura. - E, olhando para Eugênio, perguntou: - Vais?

O tom com que ela fez a pergunta - achou ele - trazia implícita a ideia de que naturalmente ele não iria porque não se interessava pelas coisas do espírito (VERÍSSIMO, 2005, p.141).

Eugênio acendeu um cigarro, perdido em dúvidas. Não se achava disposto a ouvir conversa fiada. (...) - Bom, fez Eunice com ar final. - Não vais, não é? Papai me deixa no Círculo quando for para o clube. - Ergueu-se e, com um brilho malicioso nos olhos, dirigiu-se ao marido: Olha, no Apoio estão passando *A fuga de Tarzan* (VERÍSSIMO, 2005, p.141).

Este comentário sobre o filme confirma o sentimento do protagonista de que sua esposa o considera menos dotado de qualidades intelectuais, mas a pouca vontade em ouvir “conversa fiada” demonstra a incompatibilidade com tal tipo de atividade. Os interesses relativos à pertença a um grupo de status é nítida nessas passagens. A teoria da estratificação de Weber se demonstra bem adequada para traduzir a relação entre Eugênio e o círculo dos Cintra.

Outro ponto interessante é relativo ao conservadorismo. Os homens ricos que aparecem no livro são conservadores politicamente. Levando em consideração que grande parte do romance se passa próximo do início da Segunda Guerra, há personagens com inclinação ao fascismo e ao nazismo. Cintra, o pai, pouco emite suas

opiniões, mas sabe-se que é um conservador. A figura mais proeminente na defesa do fascismo é Filipe Lobo, um rico engenheiro que está construindo o imponente Megatério, futuro maior prédio da América Latina. Diz ele: “- Admiro Hitler, admiro Mussolini... Saíram do nada, olhe onde estão. Quando no cinema vejo aquelas paradas militares, aquelas massas humanas disciplinadas, geométricas, aquele entusiasmo, sinto um estremecimento” (VERÍSSIMO, 2005, p.127).

Outras referências ao fascismo e nazismo são feitas por esse personagem de quem a narrativa não tem muita piedade. Ele é descrito como um homem ambicioso que não tem qualquer apreço pela família e substitui a filha pelo prédio que está construindo. Mais do que a qualquer um dos dois sociólogos utilizados aqui, essa crítica aos simpatizantes do fascismo remete ao próprio escritor, ele mesmo um grande crítico desses movimentos.

Por fim, uma consideração sobre a relação entre Eugênio com as duas mulheres, Eunice e Olívia, e a natureza desses romances. A única pessoa com quem o protagonista se sentiu confortável de verdade durante toda sua vida foi Olívia. Ele nunca se reconheceu nos pais, no irmão, nem na esposa. O que torna a relação dos dois tão importante para entender a dimensão das classes sociais neste romance, sem ter que escolher especificamente nem Marx nem Weber, é o fato de Olívia ter uma trajetória muito semelhante à de Eugênio. Era uma menina pobre que cursa medicina com as mesmas dificuldades. Ela é a única personagem do livro que compartilha com o protagonista condições realmente semelhantes. Olívia é, por um lado, a aceitação de que ele ocupa uma posição dentro de uma estrutura de classes determinada, ou então de uma situação de classe e um grupo de status, e Eunice, por outro, a ambição mal realizada. A forma como Eugênio desejava as duas é emblemático: O desejo que sentia por Olívia era terno, bom, o desejo que sentia por Eunice era agressivo, vinha de uma vontade de dominar a esposa, que poderia ser visto com o um desejo de fazer-se pertencer à classe que almejava. “Queria casar com Eunice ou continuar com Olívia? Se não amava Eunice por que então sentia aquelas coisas esquisitas na presença dela, o desejo de possuí-la, de dominá-la, de estar ao seu lado?” (VERÍSSIMO, 2005, 120).

Com a morte de Olívia, Eugênio abraça a visão de mundo da falecida. Resolve buscar redenção a partir da prática da medicina popular e rejeita a cobiça desmedida da humanidade, da qual o Megatério é o símbolo, pois é vulgar, mas mesmo assim exerce certa atração. O novo ponto de vista de Genoca se desenha com contornos de

humanismo e a negação do rompimento revolucionário em favor de uma política de conciliação e de diálogo entre as camadas da sociedade. “Havia muita coisa a fazer no mundo: proporcionar uma vida melhor àquela gente, por exemplo. Não se devia fazer isso com revoluções, porque a violência gera a violência e seus frutos são sempre perigosos (VERÍSSIMO, OLHAI, p238).

Não é possível de imaginar que este posicionamento político seja o do próprio autor, ele mesmo de uma origem na classe média. Um humanismo com cores cristãs, que crê no indivíduo como fonte de mudança e de bondade para sociedade.

Como vimos o romance “Olhai os lírios do campo” pode ser analisado a partir da sociologia de Marx e Weber. Elementos da sociedade de classes estão presentes no romance e a narrativa criada por Érico Veríssimo é uma reprodução da própria sociedade de sua época, o que permite identificar padrões que remetem aos dois autores, possibilitando, inclusive, compará-los.

A trajetória de Érico Veríssimo e sua relação com “Olhai os lírios do campo”

“Olhai os lírios do campo”, publicado pela primeira vez em 1938, foi responsável por lançar Érico Veríssimo à fama nacional e é um dos maiores sucessos literários brasileiros até os dias de hoje. A análise feita até aqui mostra as configurações de uma estrutura de classes no interior do romance a partir das teorias de Max Weber e Karl Marx. Faremos, a partir de agora, uma relação entre as escolhas do escritor e sua trajetória, bem como do contexto em que estava inserido, uma vez que a obra não está isolada no éter literário.

Bourdieu (1996b) chama a atenção para duas tradições analíticas de obras literárias. A primeira não aceita leituras externas ao texto, sugere uma interpretação a-histórica e afirma que trazer o contexto para a compreensão literária é uma forma de reducionismo. Uma mudança é operada nessa tradição pelo estruturalismo francês, sobretudo por Foucault, e pelo formalismo russo. Para os autores afiliados, o texto não deve ser tomado como absoluto, é preciso compreendê-lo em relação à rede formada com outros em sua intertextualidade. Apesar dessa adição, segue sem operar o contexto histórico e social no qual o autor e obra se inserem.

A segunda é batizada de redução ao contexto, que radicaliza na direção contrária à anterior. Proeminente na análise de autores marxistas como Lukács, mas também em Sartre, esse tipo de pesquisa atribui importância desmedida à origem

social do escritor e aos grupos cuja leitura deveria agradar na composição do texto. Segundo eles, o autor apenas vocaliza na obra os pontos de vista de sua classe e interlocutores.

Na tradição bourdieusiana, a análise de uma obra deve visar compreender a estrutura das obras, ou seja, os aspectos propriamente artísticos e estilísticos, bem como a estrutura do campo literária expresso nas afiliações e tomada de posição do autor nesse espaço de luta social. A leitura que tentaremos fazer visa aplicar os pontos prescritos pelo sociólogo francês. Contudo, devido à limitação do espaço, corre-se o risco de evidenciar os aspectos sociais e se assemelhar mais a corrente da redução do contexto.

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905. Foi o primeiro de dois filhos do casal Sebastião Veríssimo da Fonseca, farmacêutico, e Abegahy Lopes, a Dona Bega (VERÍSSIMO, 1974).

O escritor descendia de uma família de grandes proprietários rurais falidos no ramo materno e de uma espécie de estrato profissional no ramo paterno. Seu avô, Franklin, era dentista e médico prático sem nunca ter completado o colegial. Segundo ele, isso foi possível porque não havia qualquer tipo de regulação profissional no Rio Grande do Sul. Com clientela afluyente, o patriarca possibilitou aos Veríssimos uma vida confortável e algumas propriedades, como a farmácia que o pai recebeu como presente de casamento, uma casa próxima ao estabelecimento e o sobrado em que vivia centro da vida social da família (VERÍSSIMO, 1974).

O pai conduziu a afamada Farmácia Brasileira. O lugar que vendia remédios e era uma espécie de hospital, também era um dos centros sociais de Cruz Alta, ponto de encontro de vadios e aposentados. Dom Sebastião, como ele chamava o pai, era um homem de grande carisma e generosidade, e um homem cultivado nas letras. Por outro lado, era visto como um degradado moral por ser um polígamo notório. O estabelecimento teve sucesso por anos, mas o pai de Veríssimo uniu o desinteresse em administrar o negócio e hábitos perdulários e foi à falência quando o Dr. Franklin faleceu (VERÍSSIMO, 1974).

Érico Veríssimo descreve o pai como um homem inteligente e um leitor voraz. Enquanto a condição social permitiu, abrigava festas e se lançava em debates públicos. Manteve junto com um cunhado um jornal satírico que se opunha aos poderosos da cidade e sempre estendia a mão àqueles que considerava oprimido. Por

causa do hábito de leitura do pai, o autor teve acesso a grandes clássicos da literatura, ajudando na sua formação intelectual. Após a falência da Farmácia Brasileira, contudo, o pai abandona suas virtudes e se entrega aos vícios. A partir de 1923 e da decadência do pai, dois homens casados com suas tias se tornaram importantes para Érico Veríssimo, eram eles João Raymundo da Silva Neto e Dr. Catarino Azambuja. O primeiro, que se formara advogado, era companheiro de leituras e de teorizações. Juntos, liam Nietzsche e Stuart Mill, e discutiam os sistemas políticos. João Raymundo considerava que o melhor governo era o das elites intelectuais, artísticas e técnicas e se opunha fortemente à ascensão do nazismo na Alemanha. Catarino Azambuja era seu companheiro de lirismo, óperas e sonetos. O tio, um médico dado à comédia, era companhia para o escritor em momentos mais descontraídos, mesmo tendo um humor irônico (VERÍSSIMO, 1974).

Com o pai incapaz de ser provedor, Dona Bega assume a posição de arrimo de família costurando para fora e envia o filho para um internato em Porto Alegre durante três anos. Quando a situação da família fica delicada e a mãe abandona o pai para voltar para a casa dos avós, o escritor retorna a Cruz Alta e começa a trabalhar em um armazém (VERÍSSIMO, 1974).

A trajetória profissional de Érico Veríssimo é tortuosa desse ponto em diante. É nesse momento em que começa a escrever, mas também é quando exerce ocupações em um armazém, em um banco e, posteriormente, abre sua própria farmácia, um empreendimento que fracassa, assim como a de seu pai. Nesse interim, a condição econômica familiar se deteriora e, ora morando em Porto Alegre com a mãe, irmão e uma irmã de criação e ora em Cruz Alta, precisa se agarrar a esses empregos para ajudar no sustento de casa. Apesar dos percalços, ambicionava ser escritor e usava os intervalos no trabalho para escrever. Sua mãe o incentivava a publicar nos jornais locais, mas ele rejeitou a ideia porque sabia que autores publicados no interior eram mal vistos nos grandes centros (VERÍSSIMO, 1974).

Após sua própria falência, toma a decisão de voltar definitivamente para Porto Alegre para buscar uma carreira nas letras. Rapidamente consegue um emprego na Revista Globo e passa a atuar também como tradutor e publica seus primeiros contos. Em 1932, lança seu primeiro romance, “Fantoches”, iniciando sua trajetória profissional como escritor. “Olhai os lírios do campo”, lançado em 1938, é um sucesso comercial e consolida sua posição no mercado cultural brasileiro, no qual já vinha se

estabelecendo nos anos anteriores (VERÍSSIMO, 1974).

A trajetória social de Érico Veríssimo oferece algumas importantes pistas para o que vimos no romance que foi analisado aqui. A falência é um tema recorrente em sua vida e é marcada pelo autor no seu relato autobiográfico. Antes de serem eventos individualizantes, se imprime em uma cadeia de acontecimentos que, como aponta Bourdieu (1996a), auxiliam no envelhecimento social do escritor, ou seja, no conjunto de escolhas feitas por ele na navegação em um espaço social com posições marcadas e intercaláveis.

Com relação ao conteúdo do romance, o seu entendimento de uma estrutura de estratificação social e dos agentes arquetípicos que ocupam posições nesse quadro, independentemente se a leitura sociológica do romance é feita à luz de Weber ou de Marx, vincula-se diretamente a sua experiência. O próprio autor experimentou locais diferentes nessa estrutura por causa das condições socioeconômicas de sua família. Foi, no decorrer de sua vida, membro de um grupo que gozava de capital econômico e cultural, mas que, por causa das escolhas do pai, sofreu com a mobilidade social descendente, precisando realizar trabalhos pouco valorizados na estrutura ocupacional da época. Ante as mudanças de status social e econômico, aproveitou-se também das oportunidades oferecidas pelo núcleo familiar no cultivo do capital cultural. O pai, um homem ativo culturalmente, o iniciou na literatura e foi, ele mesmo, um aspirante a romancista que abandonou a causa em nome do exercício da profissão de farmacêutico. Além disso, no ramo materno teve contato com os maridos das tias que também eram homens ilustrados.

Com uma visão panorâmica de pessoas em diferentes condições sociais, pode estudar seus personagens de acordo com a condição socioeconômica que ocupavam na sociedade do seu livro. Eugênio, a figura nuclear da história, ocupou, assim como Veríssimo, diversas posições na estrutura de classe sem, contudo, pertencer realmente a nenhuma delas, seja pela ambição, seja pela precariedade dos arranjos sociais nos quais se envolveu. Contudo, há no texto uma afiliação a um discurso humanista, ao que pese a separação entre narrador e autor. Ela tanto pode ser influência das disposições interiorizadas pelo escritor através do *habitus* de classe média adquirida na relação com a família e amigos, mas também da própria maneira como o campo literário do período se configurava.

Sérgio Miceli (2001) oferece a explicação para a posição de Érico Veríssimo nessa estrutura ao analisar o campo literário do período. Segundo ele, o escritor se posicionou, assim como outros, como um autodidata. A decadência econômica de sua família o obrigou a abandonar os estudos, mas o capital cultural construído anteriormente permitiu que ele entrasse em contato com as oportunidades literárias. Trabalhando na Revista Globo, compreendeu o funcionamento do mercado livreiro do Rio Grande do Sul e também do país. O sucesso de sua tradução de um livro de Aldous Huxley, sugerida por ele à editora, é a síntese dessa compreensão. Érico Veríssimo se valeu do entendimento, mas também da expansão do mercado editorial sem o qual, como aponta Miceli, talvez não tivesse passado, na melhor das hipóteses, de um autor provinciano. Estar no lugar certo na hora certa e ter construído uma rede de relações foi um trunfo inestimável, e nos oferece um vislumbre do funcionamento do mercado editorial do período. Ele narra esse acontecimento de maneira anedótica:

Em princípios de 1932 minhas relações com Henrique Bertaso eram ainda distantes. Eu andava pensando em publicar em forma de livro os meus melhores contos, mas sabia que uma obra dessa natureza seria fatalmente um mau negócio para qualquer editora, por duas razões poderosas: eu era um autor praticamente desconhecido, e os livros de contos tinham pouca aceitação no mercado. Pensei então em fazer a publicação por minha própria conta, e um dia perguntei ao jovem Bertaso quanto me poderia custar a produção da obra. Ele ficou pensativo por um instante e depois, sem muito entusiasmo, murmurou: "Podemos editar seu livro por conta da casa. Onde estão os originais?". Esse diálogo lacônico, travado entre dois homens ainda na casa dos vinte, ambos de pé e meio desajeitados, em plena seção de varejo da Livraria do Globo, teve uma grande significação na minha carreira e quero crer que de certo modo também na de Henrique Bertaso e na de sua incipiente editora (VERÍSSIMO, 1974, p.213).

Quanto ao conteúdo de suas obras, ela é fruto de uma dupla afiliação. Primeiramente ao próprio mercado editorial e à Editora Globo e, em segundo lugar, com relação ao modernismo. Miceli aponta que:

[...] sua carreira intelectual coincide na íntegra com o surto havido no mercado do livro, fazendo com que a diversidade de suas obras nesse primeiro período retrate em *close* as demandas que lhe fazia a Editora Globo. A rigor, torna-se quase impossível estabelecer um relato de sua trajetória intelectual, vale dizer, os gêneros em que investiu, as problemáticas que converteu em matéria ficcional, os padrões narrativos que adotou, sem referi-la às encomendas e solicitações a que se via obrigado atender (MICELI, 2001, p.193).

Quanto ao modernismo, o autor se dizia ambivalente com relação ao movimento de 22 durante seu surgimento, mas concordava com a ideia de que a arte brasileira precisava se desprender das amarras europeias (VERÍSSIMO, 1974). Podemos ver, posteriormente em suas obras, a absorção de alguns dos preceitos do movimento do ponto de vista temático. “Olhai os lírios do campo” tematiza, assim como outros contemporâneos, a decadência pessoal, familiar e social (MICELI, 2001). O olhar de Érico Veríssimo para Eugênio e sua ambição desmedida e desprezo pela pobreza, mas também a sua incapacidade em subir a escada da ascensão social que levaram a um reposicionamento individual pode ser tomada como uma crítica ao estado dos valores sociais, substratos de arranjos sociais e econômicos específicos que eram caros aos autores brasileiros entre 1930 e 1940.

Assim, a trajetória de Érico Veríssimo, bem como sua afiliação a grupos diversos pode ser utilizada para lançar luz na análise sobre a estrutura de classes feitas neste artigo.

Considerações finais

“Olhai os lírios do campo” é um romance que, por trás de uma história de amor, trata das classes sociais na sociedade brasileira no começo do século XX e os efeitos que a pobreza e a pressão social podem causar em um indivíduo.

Pudemos ver que há diversos diálogos possíveis entre Max Weber e Karl Marx e a obra de Érico Veríssimo. Como o comportamento de personagens como os pais do protagonista está pautado por uma visão de mundo que faz com que aceitem sua condição de marginais, explicado pelo conceito de ideologia de Marx, ou então como o desconforto que Eugênio sente nos círculos burgueses que frequentava por intermédio da esposa pode ser explicado pelo fato dele não compartilhar valores e o estilo de vida do grupo estamental da qual sua mulher faz parte.

De uma maneira um pouco mais marginal, também foi possível fazer algumas ligações entre a biografia de Veríssimo e algumas questões colocadas no livro, como por exemplo, a crítica ao fascismo, que era popular na época em que o livro foi lançado.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.
_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996b.
- MARX, Karl. **A miséria da Filosofia**. São Paulo, Global, 1995.
_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo, Boitempo, 2010.
_____. **O capital. Crítica da economia política - Livro primeiro: O processo de produção de capital. Tomo 2**. São Paulo, Nova Cultura, 1996.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
_____. **Manifesto do partido comunista**. Porto Alegre, LP&M, 2001a.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. Madrid, **Fondo de cultura económica**, 2002.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**, 5ªed. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1982.
- VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo**, 4ªed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
_____. **Solo de clarineta**, 3ªed. Porto Alegre, Editora Globo, 1974.

Recebido: 06 Junho 2019
Aceito: 22 Março 2020